



## VIII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

### 40 anos de democracias: progressos, contradições e prospetivas

---

ÁREA TEMÁTICA: Trabalho, Organizações e Profissões [ST]

---

#### **STAKEHOLDERS, APRENDIZAGENS E ESTRATÉGIAS DE ESTÍMULO AO EMPREENDEDORISMO NO ENSINO SUPERIOR**

---

MARQUES, Ana Paula

Professora Associada, com Agregação em Sociologia

Centro de Investigação em Ciências Sociais da Universidade do Minho

[amarques@ics.uminho.pt](mailto:amarques@ics.uminho.pt)

---

MOREIRA, Helena Rita

Doutoranda da FCT e Investigadora em Sociologia

Centro de Investigação em Ciências Sociais da Universidade do Minho

[rmoreira@ics.uminho.pt](mailto:rmoreira@ics.uminho.pt)

---



#### Resumo

No presente trabalho discute-se as profundas transformações no mercado de trabalho em relação às aprendizagens empreendedoras entre os diplomados portugueses da Universidade do Minho (UM), localizada no norte de Portugal. Não se centrará apenas em aspetos específicos relacionados com a criação de empresas ou autoemprego, mas focar-se-á nas competências, atitudes e comportamentos de criatividade e de inovação aplicáveis a todos os domínios da vida profissional e privada (Marques *et al.*, 2014). A estratégia metodológica consistiu num estudo de caso suportado em dezasseis (16) entrevistas semiestruturadas realizadas a diplomados de diferentes perfis sociodemográficos e educativos da Universidade do Minho (UM), decorrentes de duas investigações: “O potencial de empreendedorismo na Universidade do Minho” (2010-2012) e “Empreendedorismo qualificado: políticas do ensino superior e (re)configuração das trajetórias profissionais dos diplomados” (2010-2013). Pretende-se assim analisar a relevância das redes de apoio, mentoriação e transferência de conhecimento desenvolvidas pelos diversos Stakeholders presentes na envolvente da UM; e compreender em que medida os jovens têm vindo a beneficiar desses suportes, designadamente as competências mobilizadas, obstáculos e fatores de sucesso nos processos educativos. Os resultados apurados permitem identificar aspetos relevantes sobre as implicações da aprendizagem empreendedora não formal na educação, transição profissional e desenho de políticas públicas.

#### Abstract

This paper discusses examples of learning experiences in respect to entrepreneurship among Portuguese graduates, using evidence taken from recent research conducted at the University of Minho (UM) in northern Portugal. Entrepreneurship and entrepreneurial learning are discussed in relatively broad terms: as transversal skills, attitudes and behaviors associated with creativity, innovation and risk-taking; attributes that are applicable to various areas of personal and professional life (Marques *et al.*, 2014). The methodology strategy was based on a case study in entrepreneurial learning, involving students from different scientific deliverables from the project ‘The Potential of Entrepreneurship at the University of Minho’ (2010-2012) and the on-going PhD project ‘Qualified Entrepreneurship: Higher Education Policy and (Re)configuration of the Career Paths of Graduates’ (2010-2013), to highlight the importance of support networks, mentoring and knowledge transfer as developed by various stakeholders at the University of Minho; efforts that help improve our understanding of the extent to which young people can enjoy support at various stages of an actual entrepreneurship experience, particularly skills mobilized, obstacles and success factors. The results obtained allow us to identify relevant aspects about the implications of entrepreneurial learning in non-formal education, vocational and transitional design regarding public policy.

Palavras-chave: Ensino Superior; Empreendedorismo; Aprendizagem não formal e informal; Stakeholders; Cooperação

Keywords: Higher Education; Entrepreneurship; Non-formal and Informal learning; Stakeholders; Cooperation



## **Introdução**

Presentemente, no quadro da Europa 2020, as universidades e os centros de I&D são convocados para participarem mais ativamente em redes de consórcio e em equipas multidisciplinares, na promoção de inovação, empreendedorismo e dos desafios sociais (COM, 2010), em articulação com as Estratégias de Investigação e Inovação para uma Especialização Inteligente (RIS3). Ao se realçar as vantagens competitivas de cada país e região, visa-se, igualmente, mobilizar as partes interessadas e fortalecer os recursos disponíveis (e os que se impõem criar) para se maximizar os fluxos de conhecimento e difundir as vantagens em torno de uma visão de futuro orientada para a excelência da inovação.

Ora, apesar de existirem inúmeras iniciativas e programas de empreendedorismo, não há em Portugal estudos que sistematizem as aprendizagens não formais e informais de modo a impulsionar o potencial de desenvolvimento de competências empreendedoras que poderão fazer a diferença nas vidas diárias dos jovens, no acesso e manutenção no mercado de trabalho, ou, mesmo, quando este opta por construir, em alternativa, uma carreira profissional assente numa relação de autonomia hierárquica e organizacional pela criação do seu próprio emprego. Com efeito, se a análise da relação entre o papel do empreendedorismo e a criação do emprego tem sido contestada ou assumida, i.e., alvo de controvérsias políticas e científicas em diversos domínios da vida pública, a verdade é que tal relação não tem sido nem exaustivamente analisada, nem avaliada em termos de metodologias de acompanhamento de “ciclos de vida” de experiências de autoemprego/ negócio. Acresce, ainda, que, quando se incluem os contributos de aprendizagens não formais e informais, no desenvolvimento de competências empreendedoras, numa aceção mais lata, como referimos atrás, mais difícil se torna analisar aquela relação com emprego. Apesar de ser um tópico pouco presente em muitos países e na formação de professores, alguns países como Bélgica, Finlândia e Suécia, reconhecem a importância de programas de promoção do empreendedorismo no sistema formal de educação, integrando-o já no sistema escolar.

Assim, importa convocar para o debate as aprendizagens empreendedoras, os contextos em que ocorrem, as iniciativas e os principais atores ou agentes que as dinamizam. Nesse sentido, esta comunicação divide-se em três secções. Na primeira, tem lugar um enfoque particular na aprendizagem empreendedora de modo a se restituir visibilidade e importância à educação não formal e informal, pouco aprofundada na literatura e investigação, a partir da centralidade do paradigma de aprendizagem ao longo da vida defendido pela UNESCO. Na segunda secção, apresenta-se o estudo de caso realizado na Universidade do Minho (UM), bem como as respetivas duas investigações a que recorremos e os objetivos prosseguidos. Na terceira e última secção dá-se a conhecer os principais stakeholders que integram o ecossistema empreendedor da UM, bem como as perceções preponderantes junto dos diplomados em relação às competências mobilizadas, obstáculos e fatores de sucesso nos processos de aprendizagem empreendedora.

### **1. Aprendizagens Empreendedoras no Ensino Superior**

No atual contexto de articulação entre o sistema de ensino superior e o mercado de trabalho, a educação empreendedora assume relevância num sentido mais amplo do “espírito empresarial” (COM, 2012). No quadro da teoria da aprendizagem empreendedora (Gibb, 2005; Cope e Down, 2010) reconhece-se que a aprendizagem é influenciada por aspetos socioculturais e contextuais e interliga diferentes domínios da vida dos indivíduos. Assume-se que os conhecimentos e competências empreendedoras são criadas e transformadas pelo envolvimento em práticas sociais em determinados ambientes (e.g., experiências profissionais prévias, participação em redes sociais e em esquemas de mentoria) e podem ter implicações positivas na autoeficácia e/ ou potencial empreendedor e de concretização dos estudantes/diplomados.

Trata-se de uma nova abordagem educativa centrada na aprendizagem do estudante que desafia as instituições educativas, em particular as Instituições do Ensino Superior (IES), a desenharem novas estratégias colaborativas, com o envolvimento de toda a comunidade académica e dos diversos stakeholders no processo de aprendizagem. Tal pressupõe a adoção de modelos pedagógicos baseados na experiência prática que estimulem competências, atitudes e comportamentos de criatividade, inovação e de risco que independentemente da área científica do diploma funcionem como uma espécie de “preparação para o

futuro”. Ou seja, espera-se que contribua para a aquisição de competências técnico-científicas e transversais, aplicáveis a todos os domínios da vida profissional e privada.

No estudo em curso “Aprendizagens empreendedoras, cooperação e mercado de trabalho: Boas práticas no Ensino Superior”<sup>1</sup> pretende-se aprofundar o conhecimento sobre a aprendizagem não formal, pouco sistematizada na literatura e investigação, a partir da centralidade do paradigma da educação empreendedora e ao longo da vida. Entende-se assim que a aprendizagem não-formal decorre em paralelo aos sistemas de ensino e formação e não conduz, necessariamente, a certificados formais. Na prática, este tipo de aprendizagem não é estático e, como tal, abarca um variado leque de iniciativas que permitem o desenvolvimento pessoal e profissional, podendo contemplar diferentes lógicas e objetivos em relação à preparação dos estudantes/diplomados, designadamente sensibilização (e.g., através da participação em estágios ou experiências profissionais, atividades extracurriculares, associações juvenis, programas de mobilidade, organização de eventos e voluntariado); formação específica para a criação de próprio negócio/autoemprego (cursos ou módulos formativos); mentorização e acompanhamento para a implementação de projetos (e.g., incubação, tutoria e consultadoria técnico-especializada).

Os recentes desenvolvimentos em matéria de educação empreendedora demonstram que o envolvimento dos vários stakeholders tem criado uma dinâmica positiva no contexto do ensino superior (Matlay, 2009, Amaral e Magalhães, 2002). No ensino superior português, a estratégia para o reforço do empreendedorismo está sobretudo ligada à inovação, transferência de tecnologia e criação de empresas. Nos últimos anos, as Instituições do Ensino Superior (IES) têm vindo a diversificar as suas estratégias de promoção do empreendedorismo. Este estímulo direto consubstanciou-se na criação de novas estruturas académicas e de interfaces na área do empreendedorismo/emprego (e.g., gabinetes de empreendedorismo/inserção na vida ativa, centros de empreendedorismo, centros de inovação transferência de conhecimento de empreendedorismo e clubes de empreendedorismo) que, em estreita articulação com vários *stakeholders* (e.g., empresários, associações comerciais e industriais, comunidades locais, organizações não-governamentais e o terceiro setor) apoiam a aprendizagem empreendedora. Na prática, isto traduziu-se num aumento da oferta de atividades extracurriculares e de apoios que, através de uma abordagem não formal, tem vindo a disponibilizar conhecimentos resultantes de experiência prática e redes de competências de diferentes atores-chave. O sucesso ou fracasso de aprendizagens empreendedoras e a relação com o emprego passarão, agora, a estar dependentes não apenas do potencial do indivíduo, mas também, e cada vez mais, da construção de redes de parcerias nas áreas da inovação, C&T e emprego. Apesar do leque diversificado de atividades nesta área, não há informação sistematizada que permita aferir o seu impacto nem as dinâmicas de colaboração, bem como o tipo de envolvimento dos diferentes atores-chave e redes de cooperação interinstitucionais na ampliação de oportunidades de aprendizagem empreendedora.

Também ao nível da UE têm vindo a ser desenvolvidas orientações políticas no sentido de estimular as IES a desenvolverem atitudes e competências criativas e empreendedoras nos seus estudantes (COM, 2012). A necessidade de melhorar as capacidades empreendedoras e de inovação dos europeus mereceu especial atenção em três das iniciativas emblemáticas da atual estratégia Europa 2020 para o emprego e o crescimento inclusivo e sustentável: «União da Inovação», «Juventude em Acção» e «Agenda para novas qualificações e novos empregos», destacando-se ao nível da educação superior, programas de ação como o Youth@Work e Erasmus for Young Entrepreneurs.

Em Portugal, tal como na maioria dos países da UE, as iniciativas e programas de estímulo ao empreendedorismo foram incorporadas nos programas/eixos estratégicos do QREN (2007-2013), em especial nas Agendas Temáticas – “Potencial Humano” e “Factores de Competitividade”, bem como em outros planos de ação nacionais e sectoriais e, mais recentemente, no Programa Nacional de Reformas (Portugal 2020).

O compromisso do Estado português em promover o empreendedorismo é visível no Programa Estratégico para o Empreendedorismo e a Inovação + E + I, que visa o desenvolvimento de políticas de inovação e empreendedorismo em Portugal. O empreendedorismo jovem qualificado tem igualmente sido alvo das políticas públicas de emprego em Portugal, com particular destaque para o plano estratégico transversal “Impulso Jovem - Plano Estratégico de Iniciativas à Empregabilidade Jovem e de Apoio às PME”. Através

de medidas como o «Passaporte para o empreendedorismo» e «Portugal Empreendedor», entre outras, o autoemprego/criação do negócio próprio é assumido como prioridade estratégica no combate ao desemprego ou como mecanismo de acesso ao primeiro emprego para jovens com qualificações superiores.

## **2. Opções metodológicas e objetivos**

A UM, localizada no norte de Portugal, constitui-se no nosso *caso de estudo* por diversas razões, nomeadamente de pragmatismo e proximidade para com a instituição e o facto de a mesma ter vindo a apresentar uma dinâmica relevante de promoção do empreendedorismo que é assumido como objetivo no cumprimento da sua missão (artigo nº2, Estatutos da UM) e na atribuição de competências nesta área a um Vice-Reitor ([www.uminho.pt](http://www.uminho.pt)). Como veremos à frente, o estímulo direto ao empreendedorismo por parte da UM tem vindo a ser consubstanciado na criação de novas estruturas e de interface académico, respetivamente, LIFTOFF-Gabinete do Empreendedor ([www.liftoff.aaum.pt](http://www.liftoff.aaum.pt)) e TecMinho ([www.tecminho.uminho.pt](http://www.tecminho.uminho.pt)).

Assim, para efeitos desta comunicação, utilizámos os principais resultados de dois projetos de investigação: “O potencial de empreendedorismo na Universidade do Minho” (2010-2012)<sup>ii</sup> e “Empreendedorismo qualificado: políticas do ensino superior e (re)configuração das trajetórias profissionais dos diplomados” (2010-2013)<sup>iii</sup>, com o objetivo de explicar e compreender a relevância do envolvimento em aprendizagens empreendedoras desenvolvidas pelos diferentes stakeholders no contexto da UM para a geração de atitudes potenciadoras de empreendedorismo entre os jovens. Especificamente, procurou-se: i) identificar os principais stakeholders, suas missões e estratégias que permitam fomentar uma aprendizagem empreendedora; e ii) caracterizar experiências empreendedoras realizadas pelos jovens, designadamente as competências mobilizadas, obstáculos e fatores de sucesso.

Nesse sentido, realizou-se uma pesquisa documental relativa aos stakeholders que fazem parte do ecossistema empreendedor da UM e analisaram-se dezasseis (16) entrevistas semiestruturadas realizadas a jovens<sup>iv</sup> de diferentes perfis sociodemográficos e educativos da UM, que se encontravam em fase de transição profissional<sup>v</sup>. A seleção dos jovens para a entrevista foi feita a partir de dois inquéritos concebidos para avaliar o potencial empreendedor dos diplomados e que foram aplicados em fases anteriores da investigação. De modo a assegurar a pertinência teórica e empírica, procurou-se selecionar indivíduos que cobrissem a diversidade dos diplomados do ensino superior no que se refere a áreas científicas e ciclos de estudos (e.g., licenciatura, mestrado e doutoramento) e que, em particular, representassem percursos heterógenos. Além destes critérios, procurou-se incorporar na amostra jovens com perfis diferenciados em termos de género, origem socioeconómica e situação profissional para se obter uma visão sistémica da problemática em análise. A combinação destes dois projetos de investigação<sup>vi</sup>, que partilham metodologias semelhantes, ainda que tenham alcances diferentes, permitiu-nos reforçar algumas conclusões a seguir expostas quanto ao papel dos stakeholders e à promoção do empreendedorismo académico percebidos pelos diplomados da UM.

## **3. Stakeholders na UM, aprendizagens empreendedoras, obstáculos e fatores de sucesso<sup>vii</sup>**

### **3.1.Principais Stakeholders**

Como referimos anteriormente, os recentes desenvolvimentos em matéria de educação em empreendedorismo demonstram que o envolvimento dos vários *stakeholders* internos (e.g., estudantes, académicos, investigadores, pessoal técnico, responsáveis académicos) tem criado uma dinâmica positiva no contexto do ensino superior (Matlay, 2009), a qual estimula novas atitudes e comportamentos em relação ao empreendedorismo. Nesse sentido, é importa sinalizar e apresentar quais têm sido os principais stakeholders envolvidos na UM no domínio do empreendedorismo, ao nível quer dos serviços de apoio e suporte, quer de disponibilização de infraestruturas, mentoriação ou outro tipo de estruturas.

No caso específico da UM, o estímulo direto ao empreendedorismo tem vindo a consubstanciar-se na criação de novas estruturas e de um interface académico que, em estreita articulação com outras entidades, apoiam a

educação empreendedora. Na prática, isto traduziu-se num aumento da oferta de atividades extracurriculares e de apoios que, através de uma abordagem não formal, procura envolver os estudantes numa série de iniciativas de sensibilização (e.g., eventos e concursos de ideias) e formação (e.g., cursos e programas) na área do empreendedorismo; e no apoio à criação de empresas (e.g., mentoriação e aconselhamento). Este leque diversificado de atividades contribuiu para uma maior visibilidade do papel de vários stakeholders na ampliação de oportunidades de aprendizagens empreendedoras no seio da academia, destacando-se aqui em particular o papel do LIFTOFF-Gabinete do Empreendedor e da TecMinho.

O LIFTOFF-Gabinete do Empreendedor ([www.liftoff.aaum.pt](http://www.liftoff.aaum.pt)) é um projeto levado dinamizado pelos estudantes, através da Associação Académica da Universidade do Minho (AAUM). As ações que desenvolve centram-se, sobretudo, na formação e sensibilização para o empreendedorismo qualificado, procurando introduzir nos seus cursos e atividades, competências que fomentem o espírito empreendedor da comunidade académica. No geral, as iniciativas desenvolvidas por este gabinete obtêm uma grande receptividade e acolhimento junto dos estudantes da UM. As atividades são variadas, como, por exemplo, cursos de formação de curta-duração e *workshops* sobre vários temas na área do empreendedorismo, criação de empresa e empregabilidade (e.g., procura de emprego, competências, gestão de projetos e coaching). Visando fortalecer as relações com a comunidade envolvente, o LIFTOFF promove, ainda, sessões de sensibilização com a participação de empresários, seminários e conferências sobre esta temática, sendo, igualmente, responsável pela organização anual da Semana do Empreendedorismo.

No ecossistema de empreendedorismo, a TecMinho ([www.tecminho.uminho.pt](http://www.tecminho.uminho.pt)), enquanto interface da UM, é responsável institucionalmente pela implementação de um conjunto de atividades que visa promover uma cultura empreendedora na academia, estabelecer relações com a envolvente exterior e apoiar de forma personalizada a criação de projetos empreendedores de base tecnológica e de conhecimento intensivo. Em termos operacionais, a TecMinho tem um papel importante na dinamização de educação empreendedora no contexto da UM, em diferentes fases do processo, como sejam: ações de sensibilização (e.g., disponibilização de informação geral aos estudantes, produção de brochuras e outro suportes informativos); cursos de formação em empreendedorismo; serviços e infraestruturas de suporte a projetos empresariais (e.g., mentoriação científica e registo de patentes), tendo, até ao momento, apoiado a criação de 37 *spin-offs*. Entre os projetos que desenvolve na área do empreendedorismo incluem-se o Laboratório de ideias de negócio (IdeaLab), o Gabinete do Empreendedorismo (Start@TecMinho). Paralelamente, esta unidade está envolvida na organização de concursos de ideias (SpinUM), conferências, seminários e feiras de empreendedorismo.

Ao nível de infraestruturas, a UM também apoia os projetos empresariais da academia através de outras entidades como o SpinPark – centro de incubação de base tecnológica, ([www.spinpark.pt](http://www.spinpark.pt)) que apoia as empresas ao longo do seu processo evolutivo, (e.g., espaço físico, serviços técnico-especializados); e o AvePark - Parque de Ciência e Tecnologia ([www.avepark.pt](http://www.avepark.pt)) que ajuda as empresas em fase de maior maturidade a aceder a redes de contactos, formação e apoios à internacionalização.

### **3.2. Aprendizagens empreendedoras, obstáculos e fatores de sucesso**

Numa primeira análise das entrevistas identificaram-se diversas formas de aprendizagens empreendedoras. É, sobretudo, através de experiências de trabalho ou estágios, participação em programas de mobilidade estudantil, voluntariado e atividades associativas, que estes diplomados revelam ter aprendido, na prática, vários saberes de ação e competências transversais para o seu desenvolvimento pessoal e profissional. Isto é visível nos discursos dos entrevistados ao reconhecerem que o seu envolvimento nestas atividades foi fundamental para, por exemplo, uma maior “autoconfiança”, “autonomia”, “responsabilidade”, “tomada de decisão”, “relacionamento interpessoal”, “capacidade de reação”, entre outras.

De assinalar, igualmente, que na generalidade dos casos reportados a aquisição destas competências encontra-se intimamente articulada com o reforço da ligação ao mercado de trabalho e, no essencial, com a oportunidade de “aprender a trabalhar”, “criar contactos” ou “fazer currículo”. Os testemunhos seguintes dão voz a alguns dos nossos entrevistados sobre o balanço que fazem da sua aprendizagem em contexto de trabalho e estágios.



“Trabalhei num restaurante e em várias lojas ...fiz auditorias de qualidade... trabalhar em várias áreas levou-me a ganhar confiança em mim, quando terminar o curso já sei bem como é difícil o mundo do trabalho, ganhei também uma certa maturidade, quer a nível monetário quer de responsabilidade.” (Joana, 22 anos, Administração Pública, Desempregada).

“(...) estive numa empresa de consultadoria a fazer um estudo de mercado. Isso ajudou-me muito no contacto com as pessoas...aprendemos muito no estágio, basicamente, aprendemos a trabalhar e a conhecer as organizações e saber como elas funcionam.” (Teresa, 23 anos, Economia Social, Desempregada).

“(...) tive vários trabalhos nas férias e fiz *part-times* e um estágio ...estas experiências foram importantes porque foi através delas que cheguei às outras, por recomendação direta ou indireta...consegui encontrar pessoas que me ensinaram como se faziam as coisas na prática.” (Maria, 36 anos, Marketing, Trabalhadora independente)

Esta importância atribuída nos discursos dos nossos entrevistados às atividades não formais ou extracurriculares e às experiências profissionais para o desenvolvimento de competências transversais e profissionais apresenta-se, de resto, consistente com tendência verificada em estudos anteriores (Marques, 2007, Marques e Moreira, 2011a, 2011b). Nos mesmos moldes são, igualmente, importantes os testemunhos dos diplomados que nos falam sobre a sua participação em programas de mobilidade e em voluntariado.

“(...) [o Erasmus] foi a melhor experiência da minha vida... tive de lidar com uma cultura totalmente diferente. Sem dúvida, cresci muito durante este período. Tive de tomar decisões e passei a ser muito mais responsável... encarei este intercâmbio como uma oportunidade muito boa, o Rio de Janeiro está a precisar de engenheiros.” (Sara, 23 anos, Engenharia civil, Estagiária).

“(...) os voluntariados que fiz [com idosos] ... ajudaram-me a ultrapassar o problema de relacionamento com os adultos e também me permitiram arranjar um part-time numa clínica e clientes.” (Paulo, 27 anos, Economia, Trabalhador independente).

Nas citações acima apresentadas, é possível constatar a complexidade do processo de aprendizagem e desenvolvimento em termos de conhecimento e competências, evidenciando uma transformação das disposições e atitudes destes jovens face à vida e ao trabalho em particular, visível em algumas ideias, como por exemplo, “crescer muito”, “ganhar maturidade” e “capacidade de resolver problemas”.

Como vimos, as atividades que estimula o empreendedorismo no ambiente da UM têm vindo a ganhar uma nova dinâmica graças ao papel de TecMinho e do LIFTOFF (Gabinete do Empreendedor). Neste sentido, eis alguns dos testemunhos que nos elucidam sobre a relevância da atuação destas duas entidades no contexto académico.

“(...) [a universidade] tem um papel ativo, pelo fato de ter criado o gabinete do empreendedorismo. Desde aí, o empreendedorismo passou a chamar mais a atenção dos estudantes... Alguns ganharam mais coragem para desenvolver as ideias que tinham, mas que tinham receio de apresentar...os estudantes sentiram-se mais apoiados.” (Joana, 22 anos, Administração Pública).

“A universidade tem programas muito bons...candidatei-me a um projeto de empreendedorismo, a uma ideia de negócio, na TecMinho. Foi muito útil e importante, porque tivemos sessões de esclarecimento e ensinaram-nos a fazer a análise SWOT, eu sou de engenharia civil e não percebia nada daquilo”. (Sara, 23 anos, Engenharia civil, Estagiária)

Para além destas duas entidades, alguns departamentos e escolas têm a sua própria oferta educativa na área do empreendedorismo e organizam um conjunto de atividades nesta área, com o objetivo de criar um ambiente favorável ao desenvolvimento do espírito empreendedor nos seus estudantes. A este respeito, o testemunho do João mostra como as atividades realizadas pelo departamento onde estudou, tiveram um impacto positivo na sua aprendizagem:

“(...) havia contato com as empresas, organizavam-se sessões com empresários ... uma excelente oportunidade para criar contatos. Estávamos num ambiente fértil em empreendedorismo, porque para

além de os alunos terem muitas ideias e serem pró-ativos, muitos dos nossos professores têm empresas.” (João, 28 anos, Engenharia Informática, Empresário).

Em outros casos, no entanto, percebe-se com base nos testemunhos de alguns diplomados que no interior dos seus cursos não se verificam as mesmas oportunidades de formação na área do empreendedorismo. Na maior parte destas situações, os entrevistados criticam os seus cursos de serem demasiado teóricos e de não incluírem esta vertente do empreendedorismo, reconhecendo que este tipo de educação tem sido orientado para um núcleo restrito de cursos. Miguel e Catarina afirmam de forma clara que a educação em empreendedorismo tem sido direcionada para os cursos de economia e gestão.

“É algo que é completamente desconhecido ao nível do meu curso... há muita coisa a ser organizada pela universidade, mas é para aqueles cursos mais orientados para isso, como economia e gestão... Falar em empreendedorismo é falar de Economia e Gestão.” (Miguel, 27 anos, Biofísica, Bolseiro de investigação).

“(…) nunca senti que [no curso] nos formassem para sermos empreendedores, para criarmos os nossos próprios projetos e para criarmos o nosso próprio emprego ... a psicologia é muito associada ao trabalho por conta de outrem, o empreendedorismo está muito voltado para os cursos da área da economia ou gestão.” (Catarina, 27, Psicologia, Bolseira de Doutoramento).

Perante a diversidade de posições dos entrevistados, é possível constatar que a educação em empreendedorismo no contexto académico não é vivenciada da mesma forma pelos diplomados em função da sua área de formação/curso. Em alguns casos, verifica-se que a oferta educativa em empreendedorismo fornecida pelos cursos/departamentos restringe-se a uma visão mais estreita de empreendedorismo orientada para a criação de empresas e destina-se, sobretudo, aos estudantes de determinadas áreas científicas, como é o caso de economia, gestão e alguns cursos de engenharia. Isto pode ser explicado, como já foi referido, pelo facto da educação em empreendedorismo ser um assunto relativamente recente no ensino superior em Portugal e, apesar da evolução positiva, prevalece ainda muito ligado à criação de negócios, com recurso a modalidades pedagógicas centradas na elaboração de planos de negócio e na aquisição de competência na área da gestão.

Contudo, importa salientar que as atividades levadas a cabo pela TecMinho e pelo LIFTOFF parecem ter introduzido uma nova abordagem ao processo de aprendizagem empreendedora, ao dar maior enfoque às atividades práticas que contribuem para o desenvolvimento de atitudes e comportamentos associados com a inovação, a criatividade e a comunicação e que, no geral, podem ser aplicáveis em vários domínios da vida pessoal e profissional. Além disso, também são responsáveis pelo aumento da oferta de ações de sensibilização/formação sobre as questões da empregabilidade disponibilizadas aos estudantes. Tal orientação é visível num conjunto de iniciativas levadas a cabo por estas duas entidades e que se destinam a apoiar os promotores de projetos noutras áreas que podem incluir, por exemplo, o empreendedorismo social.

## **Notas Finais**

A análise das experiências empreendedoras não formais apresenta-se inovadora a vários níveis, designadamente: 1) contribuir para uma discussão crítica e alargada do conceito de empreendedorismo de modo a dar visibilidade às competências transversais e perfis de empregabilidade exigidos pelos atuais mercados de trabalho; 2) reforçar dinâmicas colaborativas entre actores-chave de modo a desenvolverem uma abordagem integrada/sinergias neste domínio; 3) ser capaz de desenvolver indicadores de resultados para orientar, direccionar e ajustar políticas e programas nos domínios “Mais e Melhor Educação” e “Aumentar o Emprego”; 4) ser a ponte para a criação de pensamento de Estratégias RIS3 no quadro do Horizonte 2020 que maximize os fluxos do conhecimento e a difusão de vantagens em torno de uma visão do futuro nacional e regional.

Assim, através do projeto em curso “Aprendizagens empreendedoras, cooperação e mercado de trabalho: Boas práticas do Ensino Superior” (POAT/FSE), é nossa intenção aprofundar algumas das principais tendências já sinalizadas nesta comunicação. Em particular, restituir visibilidade às aprendizagens não formais e informais nos processos de aquisição de competências empreendedoras que poderão ser relevantes

na criação de um próprio emprego/ negócio, bem como no processo de transição para o mercado de trabalho. Pretende-se contribuir para um mapeamento sistematizado dos principais stakeholders (parceiros) envolvidos (incluindo os jovens) e as suas visões, expectativas e dilemas sobre a aprendizagem empreendedora. Igualmente, importa conhecer os seus modelos de funcionamento, iniciativas e projetos realizados, as parceiras estabelecidas, mas também os seus principais obstáculos e dificuldades de cooperação ou trabalho colaborativo a nível local, regional, nacional e internacional. Por fim, impõe-se uma reflexão sobre o valor acrescentado da cooperação transversal/intersectorial (educação formal, aprendizagem não-formal, empresas sociais, instituições públicas e o setor empresarial) com vista a identificar oportunidades para a ação no campo da aprendizagem não-formal e informal para os jovens.

### Referências bibliográficas

Amaral, A. and Magalhães, A. (2002) ‘The emergent role of external stakeholders in European higher education governance’, In Amaral, A., Jones, G.A. and Karseth, B. (ed.) *Governing Higher Education: National Perspectives on Institutional Governance*. NY: Springer

COM (2010). *Europa 2020 - Estratégia para um crescimento inteligente sustentável e inclusivo* [[http://www.umic.pt/images/stories/publicacoes3/UE2020\\_COM\\_final.pdf](http://www.umic.pt/images/stories/publicacoes3/UE2020_COM_final.pdf)]

COM (2012). *Entrepreneurship 2020 Action Plan - Reigniting the entrepreneurial spirit in Europe*. COM(2012)795

Cope, J. & Down, S. (2010). I Think Therefore I Learn? Entrepreneurial Cognition, Learning and Knowing in Practice. *Paper presented at the Babson College Entrepreneurship Conference*. Lausanne: June 2010.

Gibb, A. A. (2005). The future of Entrepreneurship Education. Determining the basis for coherent policy and practice. In Kyro, P and Carrier, C. (ed.). *The Dynamics of Learning Entrepreneurship in a cross cultural University Context*. University of Tampere Research Centre for Vocational and Professional Education. pp 44-68.

Marques, A. P. (2007). *MeIntegra - Mercados e estratégias de inserção profissional. Licenciados versus empresas da Região Norte*. Relatório final, Coleção DS/CICS, Universidade do Minho.

Marques, A. P. et al. (2014). Learning by Practice? Entrepreneurial dynamics among Portuguese graduates. In Maria-Carmen Pantea e Raluca Diroescu (ed.). *Young people, entrepreneurship and non-formal learning: A work in progress*. Brussels: IPM Printing.

Marques, A. P. & Moreira, R. (2011a). Empreendedorismo na Universidade do Minho. O potencial empreendedor dos diplomados do ensino superior numa perspectiva educativa”. In *II Encontro de Sociologia da Educação – Educação, Territórios e (Des)igualdades*. Porto: January 2011. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/15247>.

Marques, A. P. & Moreira, R. (2011b). Transição para o mercado de trabalho: empreendedorismo numa perspectiva de género. In *Actas do XIV Encontro Nacional de Sociologia Industrial, das Organizações e do Trabalho*. Lisboa: May 2011.

Matlay, H. (2009) ‘Entrepreneurship education in the UK. A critical analysis of stakeholder involvement and expectations, *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 16 (2):355-368.

---

<sup>i</sup> Trata-se de um projeto financiado pelo Programa Operacional de Assistência Técnica do Fundo Social Europeu POAT/ FSE” (nº 761402013), que se iniciou em 2014.

<sup>ii</sup> Este projeto debruçou-se sobre a temática do potencial empreendedor e foi desenvolvido no quadro do CICS/UM. Em termos gerais, esta investigação pretendeu: i) colmatar as lacunas dos atuais estudos empíricos sobre a temática do empreendedorismo; ii) compreender a relevância do papel do ensino superior no desenvolvimento de saberes e de competências que influenciam o processo de transição profissional.

<sup>iii</sup> Trata-se de um projeto de doutoramento em curso, financiado pela FCT (SFRH/BD/60807/2009), sobre a problemática da educação em empreendedorismo no ensino superior, desenvolvido por Rita Moreira (CICS/UM). Em termos gerais, este projeto visa: compreender e explicar o chamado “espírito” empreendedor entre os estudantes e diplomados do ensino superior, através de uma perspetiva mais abrangente da educação em empreendedorismo, com

---

enfoque na emergência e/ou desenvolvimento de novas competências e saberes profissionais; ii) aprofundar o conhecimento sobre os processos de transição profissional, em especial os impactos das transformações do processo de Bolonha na (re)configuração dos percursos formativos e profissionais dos diplomados.

<sup>iv</sup> Em termos metodológicos, decidimos contemplar na análise as entrevistas dos indivíduos que ultrapassam os 29 anos de idade, o limite máximo ao qual se atribui o estatuto de juventude, pela riqueza dos contributos que trazem à compreensão da problemática.

<sup>v</sup> É importante referir que jovens entrevistados estavam em fase de conclusão do curso em situação de desemprego e à procura de emprego ou, na maioria dos casos, já encontravam a exercer uma atividade profissional ou estágio.

<sup>vi</sup> Os inquéritos mencionados, um aplicado em 2010 e outro em 2011, tiveram objetivos similares, pelo que os resultados obtidos são comparáveis. O inquérito de 2010 fez parte do projeto “O potencial de empreendedorismo na Universidade do Minho” e o inquérito de 2011 inseriu-se no estudo “Empreendedorismo qualificado: políticas do ensino superior e (re)configuração das trajetórias profissionais dos diplomados”, ambos desenvolvidos pela equipa de investigação na área do empreendedorismo do CICS/UM.

<sup>vii</sup> Este ponto da presente comunicação integra parte de um capítulo em coautoria com D. Cairns e L. Veloso, numa obra editada por Maria-Carmen Pantea e Raluca Diroescu (2014) *Young people, entrepreneurship and non-formal learning: A work in progress*. Brussels: IPM Printing.